

A memória da ditadura através do futebol: Brasil, Argentina e as Copas do Mundo

Livia Gonçalves Magalhães

Doutoranda UFF

Bolsista REUNI

livia.goncalves.magalhaes@gmail.com

Resumo

As Copas do Mundo de Futebol organizadas pela FIFA não são apenas um evento esportivo internacional. Para muitos países, como Brasil e Argentina, este evento representa um momento de intensa manifestação de suas identidades, e também um espaço de tensões políticas. O objetivo desta apresentação é trabalhar a partir das experiências futebolísticas algumas questões sobre a memória de Brasil e Argentina no período das últimas ditaduras civil-militares que viveram ambos os países. O foco principal é trabalhar com as Copas do Mundo, tema de minha tese de doutorado, considerando o evento de 1970 no caso brasileiro e 1978 para a Argentina. Entre os diversos relatos memorialísticos sobre as duas conquistas, jogadores e técnicos possuem um papel de destaque, e continuam, atualmente, lidando com a memória conflituosa daquele período. A partir de suas experiências, esta comunicação procura apresentar algumas manifestações de ambivalência nas sociedades, questionando a dicotomia apoio/oposição que costuma ser a leitura feita do período.

Palavras chave: Ditadura civil-militar, Futebol, Memória.

Resumen:

Los Mundiales de Fútbol organizados por la FIFA no son sólo un evento deportivo internacional. Para muchos países, como Brasil y Argentina, esta competencia representa un momento de intensa manifestación de su identidad, y también una zona de tensiones políticas. El propósito de esta presentación es trabajar, a partir de las experiencias futbolísticas, algunas cuestiones sobre la memoria de Brasil y Argentina durante las últimas dictaduras cívico-militares que vivieron ambos países. El objetivo principal es trabajar con las manifestaciones durante los Mundiales, el tema de mi investigación de doctorado, teniendo en cuenta los eventos de 1970 en el caso de Brasil y 1978 para la Argentina. Entre los muchos relatos de memoria sobre las dos conquistas, los jugadores y los entrenadores tienen un papel que se destaca, y todavía siguen conviviendo con la memoria conflictiva de ese período. A partir de sus experiencias, la presente comunicación tiene por objeto presentar algunas expresiones de la ambivalencia en la sociedad y cuestionar la dicotomía apoyo / oposición que se hace a menudo sobre período trabajado.

Palabras clave: Dictadura cívico-militar, Fútbol, Memoria.

I) Introdução: Futebol, ditadura e memória

Durante a última ditadura civil-militar, o Brasil participou de cinco Copas -1966, 1970, 1974, 1978 e 1982- e no caso argentino, ocorreram duas Copas durante o período ditatorial, em 1978 e 1982. A vitória de 1970 representa para o Brasil não apenas a coroação mundial do seu futebol, que garantiu definitivamente a taça Jules Rimet, mas também a própria ideia de brasileiro como vencedor, como mestre no esporte que é a preferência nacional. Apesar do uso político feito pela ditadura, que procurou associar a vitória ao próprio modelo que o regime instaurava, a memória daquele campeonato manteve-se essencialmente positiva na sociedade ao longo dos anos.

O técnico brasileiro que venceu a Copa do Mundo de 1970 foi Mario Jorge Lobo Zagallo, ex-jogador e bicampeão nas Copas de 1958 e 1962 vestindo a camisa da seleção brasileira. Porém, antes de Zagallo comandou a seleção durante as eliminatórias em 1969 e nos primeiros meses de 1970 o ex-jogador e jornalista João Alves Jobim Saldanha. A saída de Saldanha e a entrada de Zagallo criou um dos maiores mitos do futebol brasileiro, que até hoje é motivo de discussões. E entre as polêmicas, esteve envolvido também aquele que é considerado o maior jogador de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Como veremos, a disputa pelo mérito da vitória entre dois técnicos, Saldanha e Zagallo, tornou-se não apenas parte da própria memória social do período, mas o maior ponto de conflito nos relatos, e um símbolo da própria dicotomia apoiar/resistir que marca grande parte das leituras feitas sobre a ditadura. Por sua trajetória política e pela forma como foi demitido do comando da seleção, repleta de mitos, João Saldanha entrou para o imaginário como técnico símbolo da esquerda e da própria resistência.

No caso da vitória Argentina em 1978 a memória é marcada por conflitos mais evidentes. Apesar de ter sido a primeira vitória da seleção nacional na principal competição do futebol, durante anos o evento foi associado ao próprio projeto da ditadura civil-militar que governava o país. Com a redemocratização, o lugar ocupado pela Copa na memória da sociedade foi de uma vitória manchada pelo uso oficial. Porém, com o tempo esta perspectiva foi problematizada, assim como outros aspectos do período. Atualmente, a releitura feita por diversos atores sociais sobre a época inclui como se viveu aquela Copa: as comemorações nas ruas, o sonho de chegar à elite do futebol mundial e o cotidiano do evento para a própria sociedade. Como no caso brasileiro, destacaremos aqui a memória dos jogadores e da comissão técnica, nesse caso do técnico Cesar Luis Menotti. Com uma dinâmica diferente do

caso brasileiro, a imagem principal construída do grupo argentino foi de harmonia, tanto entre atletas e o técnico como com o regime e os meios de comunicação.

Como veremos nas páginas seguintes, percebemos através da relação com o esporte tanto manifestações de apoio aos regimes como de oposição, mas, nos casos apresentados principalmente de ambivalência. Como afirma Pierre Laborie ao analisar o caso francês, a ambivalência:

abre outras portas ao historiador e alarga suas possibilidades de análise. Permite não mais pensar somente as contradições em termos antinômicos – resistentes ou pétainistas, gaullistas ou *attentistes...* -, mas ultrapassá-las se perguntando o que elas tentam dizer, para além das pseudoevidências do sentido aparente (LABORIE, 2010, p. 40).

II) O Brasil e a Copa de 1970

Os distintos exemplos aqui analisados permitem perceber alguns dos conflitos que permeiam a questão da memória coletiva da Copa de 1970. É unanimidade que este evento marca o imaginário nacional brasileiro, assim como também é destaque o alto nível daquela seleção de futebol, que hoje é tida como modelo pelos especialistas no assunto. Porém, a própria qualidade da seleção é alvo de disputas, assim como a suposta interferência do regime militar em sua organização.

Entre tais conflitos, o principal que permanece na memória sobre o período se refere às desavenças futebolísticas com o presidente Emílio Garrastazu Médici. O momento marcante foi a questão do jogador Dario José dos Santos, então jogador do Atlético Mineiro, quem Saldanha não convocou e por quem o presidente havia declarado várias vezes sua preferência. Como veremos, a demissão de Saldanha foi um dos temas principais, e até hoje gera conflitos nessa memória.

João Alves Jobim Saldanha, nascido em 1917 em Alegrete, no Rio Grande do Sul, teve sua vida associada ao futebol e à política no Partido Comunista. Primeiro como jogador, posteriormente como técnico e dirigente, sempre no Clube Botafogo, do Rio de Janeiro. Em 1960, Saldanha passou a dedicar-se ao jornalismo esportivo, tendo sido um dos criadores do modelo de mesa redonda, discussões televisionadas entre especialistas do esporte para discutir os últimos jogos e acontecimentos no mundo do futebol (SIQUEIRA, 2007).

Sua carreira no mundo esportivo foi construída alternada à sua ação política no Partido Comunista, ao qual Saldanha se filiou entre 1945 e 1947. Politicamente, Saldanha atuou principalmente na segunda década de 1940 e na de 1950, quando o Partido estava na

clandestinidade. O próprio Saldanha esteve durante alguns anos clandestino no Paraná e em São Paulo, segundo seus relatos. Foi após se afastar do partido, segundo João por discordâncias pessoais, que ele passou a se dedicar ao mundo esportivo, como radialista e técnico do Botafogo.

Em 1969, após a crise enfrentada pela seleção brasileira com a péssima atuação na Copa da Inglaterra em 1966, João Saldanha foi escolhido como novo técnico. Na memória sobre a época, tal escolha continua sendo um dos muitos mistérios envolvendo aquele período, já que prevalece a imagem política de Saldanha, e não sua personalidade conflituosa como dirigente e jornalista esportivo. A versão mais aceita é a de que o presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) João Havelange teria concordado com a opção para acalmar a imprensa, que tanto atacava a seleção, colocando um dos jornalistas mais crítico como técnico, e também por conta de sua popularidade com os torcedores.¹

Como sua escolha, a demissão de Saldanha também continua sendo questionada. Oficialmente, CBD justificou sua saída pelas distintas situações em que ele se envolveu. No dia dois de março, por exemplo, o jornal *Folha de São Paulo* criticava Saldanha por suas palavras à imprensa, quando o então técnico negou um conflito com os médicos do clube Santos:

As declarações de Saldanha contra os médicos foram publicadas não apenas neste, mas praticamente em todos os jornais. Insinuar que tais declarações não tenham sido bem interpretadas, ou afirmar que elas não existiram, parece até passe de mágica. As declarações foram feitas, estão aqui e nós confirmamos que elas partiram de João Saldanha (*Folha de São Paulo*, 02/03/1970, Primeiro Caderno, capa, s/n).

O ex técnico também se desentendeu com a estrela da seleção, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, quem, segundo o técnico, tinha um problema e não estava em condições de jogar a Copa: “Eu barrei Pelé. Sinto muito, mas ele não tem mais condições físicas para disputar a Copa”, afirmou João Saldanha. Na mesma noite, o técnico era demitido” (*O Cruzeiro*, 31/03/1970, p. 10). Em entrevista ao programa *Roda Viva* em 1987, João afirmou que nunca disse que o problema de Pelé era físico, apenas que ele enfrentava dificuldades, e segundo o ex técnico, tratava-se de questões financeiras do jogador (*Programa Roda Viva*, 1987, TV Cultura).

¹Segundo Agostino, a popularidade de Saldanha era de 71% no Rio de Janeiro e 68% em São Paulo (AGOSTINO, 2002)

Apesar dos conflitos que aumentavam, Saldanha garantia que não deixaria o cargo “Levarei o barco até o fim” (*Folha de São Paulo*, 03/03/1970, Primeiro Caderno, capa, s/n). No dia quatro de março de 1970, a seleção brasileira enfrentava a rival argentina, em Porto Alegre. Mesmo não classificados para a Copa, os argentinos venceram a partida, o que aumentou o constrangimento da seleção brasileira. Ainda mais grave foi o fato do presidente Emilio Garrastazu Médici, que era conhecidamente um fã de futebol, ter comparecido ao estádio e presenciado a derrota. Os meios de comunicação começavam a duvidar da capacidade da seleção, e as críticas a Saldanha tornavam-se frequentes, principalmente em relação à liberdade do grupo, à falta de disciplina e de controle dos jogadores.

Frente a tais questões que geravam uma sensação de descontrole da seleção, o então ministro da Educação e Desportos Jarbas Passarinho determinou que a situação e a crise na seleção afetavam diretamente o país e que era uma questão de interesse nacional, e exigiu explicações (*Veja*, 25/03/1970). Havelange foi convocado para conversar com o próprio Ministro e com o chefe do Serviço Nacional de Informações, o general Carlos Alberto de Fontoura; com o chefe do Gabinete Civil, João Leitão de Abreu; e o chefe do Gabinete Militar, João Baptista Figueiredo. O encontro mostrava o interesse do governo na questão “seleção nacional”, e o tema passou a ser cada vez mais controlado pela ditadura (MAGALHÃES, 2008).

Assim, em março de 1970, em meio à “crise do futebol brasileiro”, como os meios de comunicação se referiam ao assunto,² Saldanha foi demitido, e em seu lugar assumiu o ex jogador e bicampeão Zagallo, segundo a revista *Cruzeiro*, escolhido a pedido dos próprios jogadores. As circunstâncias da demissão de Saldanha não foram totalmente justificadas até hoje, e permanece um tema conflituoso na memória sobre o período. João Havelange, por exemplo, insiste na versão de que o técnico foi dispensado por seu caráter difícil e pelos mencionados resultados insatisfatórios em alguns amistosos, e justifica sua decisão de demissão com a vitória brasileira: “Ele disse o que quis, e mais tarde eu o substituí. E o Brasil foi campeão” (João Havelange, 28/01/2010).

Porém, é preciso questionar esta justificativa apenas pela personalidade do treinador. Saldanha sempre foi conhecido por seu temperamento e seus conflitos, portanto não foi uma

²Todos os meios analisados: *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*, Revistas *Veja* e *Cruzeiro* trataram a questão com esta designação.

novidade o que aconteceu durante seu período como técnico da seleção. Na época da crise, a revista esportiva *Placar* destacou esta face do técnico:

De revólver na mão ou com valentia no braço, ele invade a concentração do Flamengo ou bate num repórter. João Alves Jobim Saldanha, o técnico das feras, há 51 anos vem brigando e batendo, xingando, gritando e ameaçando. (...) João domador não mudou: assim agia nos tempos de sócio no “Grupo dos Cafajestes”, ou quando era escrevente, ou só jornalista-comentarista-locutor esportivo de rádio jornal ou televisão. Seus quase vinte processos criminais o incomodam tanto quanto o resultado de um jogo do Bonsucesso (*Placar*, 20/03/1970, s/n).

A versão mais divulgada e que permanece em discussão atualmente é a que o próprio Saldanha afirmou na época: sua demissão ocorreu por questões políticas, e as demais acusações foram apenas desculpas para justificá-la. Anos depois, quando indagado, o ex técnico também justificou a chegada de Médici ao poder, com o suposto endurecimento do regime, para sua saída. Saldanha também citava sua suposta ação contra a ditadura, denunciando os crimes em suas viagens como técnico da seleção ao exterior:

Porque eu já tava há um ano e pouco naquilo. Aí um amigo muito influente me deu uma lista de presos, desaparecidos, torturados e o diabo a quatro. Eu peguei a lista e corri a lista. Dei no *Observe*, no *Le Monde*, falei no rádio, em televisão na Europa, fiz o diabo com aquela lista (Programa Cidinha Campos, TV Record, 1982).³

Em uma entrevista para a filiada da Rede Globo em Porto Alegre, a RBS, quando indagado sobre os palpites presidenciais em seu trabalho, Saldanha respondeu: “Eu e o presidente ou o presidente e eu, temos muitas coisas em comum. Somos gaúchos, somos gremistas, gostamos de futebol, e nem eu escalo o Ministério, nem o presidente escala o time” (*João*, 2008).⁴ A frase tornou-se um dos maiores mitos envolvendo os personagens daquela seleção. Em praticamente todas as memórias sobre a saída de Saldanha o tema é retomado, como por exemplo, entre ex jogadores da seleção. O próprio Dario, um dos personagens centrais da questão, em 2011 retomou a polêmica:

Só que o presidente da República era “fãzão” do Dadá. Ele pegava o avião de Brasília e ia lá para Belo Horizonte para me ver jogar. E esta não foi diferente. E, quando acabou o jogo, o presidente falou: “Vem cá, por que é que o Dadá não é convocado? Ninguém pega esse homem. Esse cara tem que ir para a seleção”. E falou para o João Saldanha: “João Saldanha, todo mundo quer o Dadá na seleção. Inclusive o presidente”. João Saldanha falou: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção”. Aí, a imprensa, que não gosta de fofoca, voltou no

³Durante a pesquisa, tanto em fontes nacionais como no exterior, não foram encontradas tais listas ou os comentários aos quais Saldanha se refere. Ao mesmo tempo, sabe-se que durante suas ações para o Partido Comunista ele soube manter a descrição, vivendo durante um longo período na clandestinidade, o que deve ter feito caso tenha levado tais denúncias para os meios de comunicação fora do país.

⁴A versão mais comum do episódio foi “Vamos combinar o seguinte: o senhor escala seu Ministério, eu escalo a seleção”, reproduzida em MILLIET, R. (org.), 2006.

presidente. Aí, o presidente: “Tira ele”. Aí, foi quando ele saiu e o Zagallo entrou (SANTOS, 2011).

Os jogadores Gérson Nunes, Félix Mieli Venerando e Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, também destacam os conflitos existentes entre Saldanha e o regime e a CBD e retomam esta fala específica sobre a escalação do grupo. Porém, somente Tostão considera que houve de fato uma questão política envolvendo a saída do técnico. Para Gérson, não houve interferência política no grupo, apesar das atitudes de Saldanha:

Ele teve uma fase que ele tinha que falar isso, falar o que ele falou, trombar todo mundo, porque o problema dele era também político, porque os caras corriam atrás dele, várias coisas do passado que a gente não interessava aquilo, interessava a amizade que ele tinha por nós e nós por ele (NUNES, *Gérson*, 2011).

Percebe-se, portanto, que os próprios jogadores que viveram o conflito possuem uma memória contraditória e permeada por dúvidas sobre o que realmente afastou João Saldanha do comando da seleção brasileira de futebol faltando pouco mais de três meses para o início da Copa.

A comissão técnica também foi desfeita, e em seu lugar assumiu outra sob a lógica militar, formada inclusive por membros das Forças Armadas: o chefe da delegação era o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, seu assessor o major Ipiranga Guarany, a preparação física ficou a cargo, dentre outros, dos oficiais Raul Carlesso e Cláudio Coutinho, formados pela Escola de Educação Física do Exército.⁵ O fenômeno, que ficou conhecido como “militarização do futebol”, marcou um novo modelo dentro da CBD, de participação direta de militares na entidade e, no caso do futebol, na comissão técnica.

Ao comentar o tema em seu livro de memórias sobre a Copa, Zagallo procurou transmitir a ideia de uma chegada sem conflitos e até de apoio por parte do elenco: “Cheguei à concentração e tive minha primeira grande alegria: a boa acolhida que os jogadores me deram” (ZAGALO, 1971, p. 26). Após a vitória, ao refletir sobre a conquista Zagallo procurou criar a ideia de um ambiente harmonioso entre jogadores e comissão técnica: “... na Seleção brasileira de 1970 muito se caracterizou e estendeu o ambiente de amizade e respeito, reinante entre o técnico e todos os seus comandados. O diálogo era assim como o prato do dia” (ZAGALO, 1971, p. 176). De fato, a saída de Saldanha amenizava a tensão vivida nos

⁵ Segundo Sarmiento, “A preparação física do selecionado brasileiro visando o Mundial foi considerada, em relatório apresentado pela comissão médica da UNESCO, um exemplo de condicionamento físico. Diante do desafio de disputar um campeonato da altitude mexicana, os preparadores aplicaram aos jogadores, por um período de quase três meses, um longo programa de preparo físico”. (SARMENTO, 2002, p. 127).

primeiros meses daquele ano, segundo relatos dos mesmos. Porém, é preciso questionar também a procura de Zagallo de mostrar seu bom relacionamento com o grupo, assim como sua capacidade de criar um ambiente positivo e harmonioso.

O ex-goleiro Félix, inclusive, questiona hoje a visão de companheirismo e afirma que os problemas de relacionamento existiam com Saldanha:

Porque com o Saldanha não tinha diálogo. “Esse é minha fera e tal”, e nem instrução dava. “Vamos para a vida que segue!”. Ele só falava isso e botava dentro de campo. Agora, o Zagallo não. O Zagallo perguntava a um a um se dava para jogar como ele queria (VENERANDO, 2011).

Félix teve problemas pessoais com Saldanha, quem o escalou para as eliminatórias, mas em 1970 disse que o goleiro não seria convocado porque seu porte físico, magro e alto, o tornava um alvo fácil para os jogadores europeus, como afirma Félix na entrevista citada. Este caso é interessante para problematizar como a memória destes eventos também está permeada pelas vivências e conflitos pessoais. De fato, os jogadores que Saldanha mantinha um bom relacionamento, como o caso de Tostão, costumam defender a imagem positiva do ex-técnico. Por sua vez, Félix, cortado daquele que seria o grupo que Saldanha levaria à Copa, e que posteriormente seria criticado nas crônicas escritas pelo mesmo como jornalista durante a Copa, tem uma imagem crítica sobre o trabalho do jornalista como técnico, e nega a questão política no afastamento de João do cargo.

Ao assumir, Zagallo decidiu fazer algumas alterações na escalação de Saldanha. Dispensou alguns jogadores e convocou Félix, Leônidas, Roberto, Arílson e o polêmico Dario. A inclusão deste último, que para muitos era o motivo do suposto conflito entre Médici e Saldanha, foi entendida por parte da sociedade como a prova de que existia a pressão do regime na lista dos jogadores convocados. Em citado livro de memórias sobre a vitória Zagallo dedicou diversas páginas a discutir a polêmica:

Não é verdade que tenha convocado o Dario por influência da imprensa ou porque o Presidente da República o admirasse. Nada disso, tanto que ele não foi titular, nem figurou na regra três, o que aconteceria se eu tivesse querendo agradar a uma classe ou a uma altíssima autoridade, O certo é que o meu apreço pelo Dario vem de muito tempo (ZAGALO, 1971, p. 29).

Em 2010, ao ser questionado novamente sobre a interferência de Médici na seleção, de acordo com Zagallo: “Não existiu nenhuma influência política, um presidente da República falaria com um técnico de futebol?” (Entrevista Jorge Mario Lobo Zagallo, Novembro de 2009). Por sua vez, também em 2010, João Havelange ao ser entrevistado insistiu que nem

Médici ou qualquer outro presidente se intrometeu nas questões da CBD: “No caso da Copa de 70 já estava no regime militar e falam que o presidente Médici impôs isso, impôs... Nunca abriu a boca” (João Havelange, 28/01/2010).

A mesma situação ocorre em relação aos jogadores da seleção, que também afirmam que não houve esse tipo de interferência. Segundo Gérson em uma entrevista em 2011:

Não, não houve nada disso, e eu vou dizer aqui com a maior sinceridade: se houvesse essa pressão nós não jogaríamos. Não teve pressão nenhuma, não tivemos pressão nem dos militares, nem da comissão técnica, de nada. Nosso trabalho, nosso trabalho em 1970 foi justo. É isso que nós vamos fazer, foi isso que foi traçado, foi isso que nós fizemos. Não teve interferência nenhuma, política, política-partidária, política-militar, nada, nada, nada... (NUNES, 2011).

Pensando estas memórias hoje, cabe problematizar o interesse dos jogadores e comissão técnica em desassociar a seleção, e a vitória, da ditadura e do presidente Médici. Com as críticas atuais e condenação moral ao regime, é natural que os diversos atores que possam de alguma forma ser envolvidos procurem afirmar as distâncias em relação à ditadura. Assim, a questão envolvendo o jogador Dario tornou-se definitivamente um marco da memória social do período. De um lado, o resistente Saldanha, que perdeu seu cargo por suas convicções políticas; do outro Zagallo, que cedeu às pressões do regime para se manter no cargo. Neste meio, aparece a figura de Dario, que tornou-se um “bode expiatório”, como o símbolo da presença da ditadura na seleção, e ao mesmo isentando os demais jogadores de qualquer tipo de manifestação positiva ao regime:

...eu fui muito sufocado, porque, até hoje, os caras dizem que foi o presidente que me convocou. Ninguém fala que foram 69 gols, que eu era uma máquina de fazer gol... Ninguém fala. Falam que o presidente me convocou. Então, é uma situação difícil. Mas, de qualquer maneira, eu levava o negócio na brincadeira. Eu até gosto, porque um ato de ditador – que falavam, que era ditador... Então, um presidente me convocou. Olha só que coisa linda. Eu fui convocado por um presidente... Mas, no fundo, eu fico “fulo da vida”, porque e o mérito do Dadá? Então, tentaram tirar o meu mérito. Eu briguei. E o pior é que era todo mundo contra o Dadá (SANTOS, 2011).

Mas não foi apenas na convocação de Dario que Zagallo soube conciliar os interesses da CBD e até do próprio presidente com os seus como técnico. É importante considerar que, já naquela época, a interpretação de que Saldanha tinha saído por questões políticas era presente, e Zagallo sabia que para se manter como técnico teria que jogar de acordo com as regras da situação. Assim, não faltaram elogios e reconhecimento aos principais nomes que marcaram a crise de Saldanha: Pelé, Havelange e Médici.

Neste sentido, Zagallo aparece como exemplo da ambivalência mencionada na abertura deste trabalho. Se não houve qualquer tipo de crítica política, nem ao regime nem mesmo a CBD, percebe-se que o discurso de apoio e exaltação são traspassados pela conquista, resultado do trabalho da comissão técnica e dos jogadores. Os conflitos que envolveram a saída de Saldanha deixavam claro que este tipo de enfrentamento não seria aceito, e Zagallo soube adaptar-se à realidade que lhe era imposta, e focar em seu interesse profissional e pessoal como técnico. A convocação de Dario, por exemplo, mostra como o técnico soube resolver um conflito sem que isso prejudicasse sua imagem ou seu plano de trabalho, e assim pôde comandar a equipe sem atritos diretos.

Esta interpretação também pode ser trabalhada em relação ao grupo de jogadores. O testemunho de Gérson, no ano de 2011, mostra uma reflexão atual em que o jogador reconhece o conhecimento que tinham da situação do país naquele momento:

Em 1970 tinha o problema da ditadura, e teve, nós sabíamos o que estava acontecendo aqui, mas ninguém apertou, ninguém foi pé firme lá com a gente, trombada, nós éramos... Nós tínhamos uma Seleção, nós tínhamos que treinar, jogar, com todas as garantias, com tudo, sem problema nenhum, não tivemos problema nenhum em termos de esporte, naturalmente, sabíamos o que estava acontecendo, aí você pergunta, mas por que vocês não largam tudo? Nós não largamos tudo porque nós estávamos representando o país numa competição que exigia isso. Se não fosse para uma Copa do Mundo talvez largássemos, talvez não estivéssemos ali, mas fomos cumprir a nossa obrigação, fomos lá, ganhamos e acabou o problema. Nós não tivemos problema nenhum em matéria dessas pressões, essas coisas todas, não tivemos problema nenhum, tivemos todas as garantias, sabíamos o que estava acontecendo, éramos contra a uma série de coisas, né? Mas nós estávamos dentro do contexto, nós tínhamos que fazer a nossa parte, a parte de esporte, era isso (NUNES, 2011).

A memória de Gérson, construída a partir da distância de 41 anos do evento, mostra a posição de ambivalência dos jogadores. Como parte da sociedade, eles também procuraram formas de seguir o cotidiano, sem necessariamente ter que apoiar efetivamente o regime para isso.

Na Argentina, esse tipo de relação entre esporte e ditadura confundiu-se ainda mais, com a realização da Copa no próprio país, como veremos a seguir.

III) A Argentina e a Copa de 1978

Como dito, após o fim da ditadura em 1983, a principal memória que prevaleceu na Argentina foi a da Copa como parte da vitória do regime, e a vitória como uma celebração oficial. Jogadores e comissão técnica tornaram-se, de certa forma, uma extensão do governo, cúmplices da opressão realizada. Porém, hoje vemos outras interpretações que surgiram ao

longo das últimas décadas, e e que ao mesmo tempo que disputam seu espaço na sociedade também dialogam entre si.

Por um lado, alguns condenam qualquer tipo de participação na festa, associando a celebração esportiva com o apoio ao regime; por outro, estão os que entendem o futebol como um campo autônomo, independente e impenetrável pela política, e por isso criticam qualquer associação entre a vitória da seleção nacional e a ditadura. E recentemente ganhou força a leitura daqueles que entendem que a própria celebração foi uma forma de resistência ao regime, mostrando que o futebol estava nas “mãos do povo”, e este o utilizou como um desafio à ditadura, celebrando nas ruas e festejando sob um governo autoritário.

A partir de 1983, com o fim do Processo e as inúmeras denúncias de violações de direitos humanos aos responsáveis militares, e a conseqüente condenação moral do regime (tanto na sociedade argentina como internacionalmente), a principal memória do período passou a ser a de reprovação do regime. A Copa do Mundo de 1978 foi inserida nesta leitura, e associada com à própria ditadura, como uma parte mais do mesma. Durante anos condenou-se tanto o evento como os jogadores, a comissão técnica e os torcedores, e para muitos era uma vergonha assumir ter participado das celebrações, que ganharam uma conotação quase tão negativa como a própria ditadura.

Hoje, novas leituras contestam esta memória, que efetivamente não é tão única como se procurou colocar nos últimos anos. De fato, se por um lado a Copa foi uma importante ferramenta nas mãos do regime, também foi essencial para o aumento das denúncias internacionais de violação dos direitos humanos, assim como uma oportunidade tanto de agir contra a ditadura para alguns membros da oposição como uma válvula de escape para presos e desaparecidos políticos. E, para os “cidadãos comuns”, um momento de festa, de celebrações, num período conturbado da história do país.

No caso do governo, a conquista da seleção nacional de futebol e o transcurso do evento sem maiores problemas eram as ferramentas que o mesmo e os meios de comunicação que o apoiavam necessitavam para mostrar o que chamavam de “verdade” sobre o país. Criou-se a partir do esporte um discurso de união, que reproduzia a retórica do próprio regime: “Hicimos el Mundial. Y lo hicimos bien. Y nos unimos. Y rompimos la sombría imagen que nos fabricaron desde afuera” (*Gente*, 08/06/78, s/n).

A Copa também significou para o governo o fim de um primeiro momento e o início de uma nova etapa do *Proceso de Reorganización Nacional*, como se autodenominava o

regime, e, conseqüentemente, do próprio país. O evento terminou dia 24 de junho, e a ditadura não perdeu a oportunidade da celebração para associar com o fechamento de um ciclo nacional: vencida a guerra contra a “subversão interna”, a melhora da imagem do país com o evento, e o fim da Primeira etapa do *Proceso*.

Outro ponto que deve ser pensado ao trabalhar essas memórias é o legado que a Copa deixou para o país. O principal investimento foi, claro, em propaganda, e neste sentido entram também as obras de infraestrutura. Foram feitos investimentos em avenidas, nos meios de comunicação -principalmente em telefonia e televisão, apesar da transmissão em cores não ficar pronta a tempo para o território nacional-, em hotéis -praticamente nos dois anos anteriores ao evento levantou-se a rede hoteleira exigida pela FIFA-, os aeroportos -Ezeiza não ficou pronto a tempo, mas foi utilizado-, e os estádios construídos e reformados. Foram sede no total seis locais em toda a Copa, dos quais três reformados -o Monumental e o estádio Vélez Sarsfield, na capital Buenos Aires, e o de Rosário- e outros três construídos para o evento -um em Córdoba, um em Mar del Plata e um em Mendoza-. O questionamento sobre a necessidade dos estádios foi feito já na época, e inclusive por membros do governo.⁶

Hoje cabe pensar aquele momento a partir da idéia do futebol como importante elemento de identidade nacional argentina, não só como uma Copa que ocorreu durante a ditadura. Com o passar dos anos, a “nova” memória do *Proceso* deixa de criticar e negativizar a vitória de 78, repensando aquele momento dentro de uma conquista maior, da história do próprio futebol nacional, não apenas restrita ao período civil-militar. Finalmente, cabe ressaltar que a interpretação de que comemorar a Copa foi uma forma de resistência hoje pode ser compreendida dentro da lógica da memória oficial atual, de que a sociedade argentina foi resistente à ditadura. Esta é a memória que o kirchnerismo, no poder desde 2003, procura estabelecer, a de um povo sempre contestador e resistente, de uma sociedade que lutou contra o autoritarismo em todos os espaços. Inclusive quando o assunto era futebol.

Como dito na apresentação deste trabalho, a proposta nesta instância é trabalhar com a memória do técnico e dos jogadores da seleção argentina. Quando foi convidado para assumir a seleção nacional, Cesar Luis Menotti era treinador do clube argentino Huracán, clube que em 1973 conquistou importantes títulos com um estilo de jogo inovador, valorizando o que o

⁶ O Secretario da Fazenda Juan Alemann afirmou após a vitória: “Ahora habrá, entre otras cosas, que resolver el destino de los estadios. Parece que nadie los quiere” (*Gente*, 13/07/78, p. 74). O tema dos estádios surgiu novamente em 2011, com a realização da Copa América na Argentina. Muitos estão mal conservados, e criticou-se a necessidade de um novo estádio, em La Plata, construído recentemente.

técnico considerava o jogo bonito argentino, oposto ao modelo defensivo europeu em voga, o que o tornou rapidamente popular. Menotti assinou o contrato para ser técnico da seleção em 1974, mas por seus compromissos com o Huracán assumiu apenas em janeiro de 1975, e permaneceu no posto até o final de 1978. Após a conquista do título, enfrentou uma longa negociação para renovar o contrato por desavenças financeiras, e retornou ao posto de técnico da seleção quando iniciava o campeonato Mundial Juvenil no Japão em setembro de 1979, e finalmente deixou a seleção em 1982 após a derrota na Copa da Espanha.

No momento do golpe de 1976, o treinador estava com a seleção em uma excursão europeia, e ao retornar seu cargo foi mantido, apesar das intervenções da Junta Militar na diretoria da Associação de Futebol Argentina (AFA). Menotti tinha relações tanto com o partido comunista como com o peronismo –com o fim da ditadura, o técnico reconheceu que ajudou a esconder perseguidos políticos “Tuve gente em mi casa, salve gente de la carcel” (*Mundial 78. La Historia Paralela*, 2008)-, porém não foi considerado uma ameaça para o novo regime: ao contrário, sua campanha vitoriosa, que em 1976 conquistou o campeonato juvenil de Toulon, com a seleção base que conquistaria a Copa de 1978, foi vista de maneira positiva para os planos de conquistar a competição em casa.

De fato o treinador nunca se envolveu em grandes polêmicas. Soube conviver com a ditadura, porém não fez qualquer apoio aberto ao regime. Quando questionado sobre seu papel na Copa e o posterior uso da vitória pelo *Proceso*, Menotti foi firme: “Traté que el equipo divirtiera a la gente (...) hice todo lo que pude dentro de mis posibilidades. Además, ¿sabes lo que hay que diferenciar acá? Yo soy un laburante, viejo... no soy factor de poder” (*El porteño*, setembro de 1982, p.15). De todas formas, Menotti tinha a seu favor a autocensura da imprensa, que emitiu poucas críticas sobre a seleção nacional, reproduzindo o discurso otimista e nacionalista do próprio regime de um grupo que, através do trabalho e do esforço coletivo, representava o país em campo. Assim, mesmo com uma derrota durante a competição contra a Itália na primeira fase e os resultados iniciais que não mostravam um time seguro para a disputa da taça, o treinador não teve que enfrentar críticas, diferente de Saldanha e Zagallo.

Porém, com a redemocratização a partir de 1983 e com o tema dos crimes estatais como parte do debate público da sociedade, e a crítica da opinião ao uso político da seleção pelo regime, Menotti e os jogadores passaram a ser alvo de acusações pela conquista.

Questionado sobre o lugar que a seleção ocupou na ditadura, e o sentido que a Copa teve para o regime e para o apoio da sociedade ao mesmo, Menotti considera que:

no era la Junta Militar, no era la platea de River, era la gente de Jose Carlos Paz⁷ la gente de los pueblos, la gente que se bajaba de los camiones, de los taxis, y no nos dejaban pasar. Yo siempre terminaba mi charla diciendo lo mismo: cuándo saluden levanten la cabeza y van a saber para quien juegan. Ahí están, son estos, los que están ahí. Ahí está tu viejo, tu hermano, tus amigos, tu barrio, tu gente... (*Mundial 78. La Historia Paralela*, 2008).

Percebe-se que, assim como Zagallo, Menotti soube conviver com o ambiente político do país durante seu período como técnico. Ambos souberam lidar com as ditaduras e as pressões de suas respectivas Confederações Esportivas, e assim se mantiveram em seus cargos e conseguiram conquistar o título mais importante do futebol mundial. Pode-se também entender a ambos a partir da ideia de um pensar duplo de Laborie, do indivíduo que atua de forma dupla, mais por necessidades externas que por interesse:

É nessa direção que se poderia talvez encontrar um elemento de explicação para a forte presença dos modos de pensamento ambivalentes na opinião comum. (...) Sem pertencer à consciência clara, e sem tampouco ser vivida como uma contradição dilacerante, mais como uma forma de aculturação, a ideia do duplo ritma as formas do pensamento ordinário, tanto na banalidade do cotidiano quanto nas situações excepcionais e nos riscos de engajamento (LABORIE, 2010, p. 39-40).

Mas não foram só os técnicos que representaram essa ambivalência de parte da sociedade. Os jogadores, considerados por muitos torcedores os verdadeiros heróis das conquistas, também tiveram uma relação de ambiguidade entre a participação na seleção e as formas de lidar com o autoritarismo dos regimes.

Como ocorreu com os jogadores brasileiros que foram recebidos pelo presidente, a seleção argentina também relacionou-se diretamente com os líderes do regime em função do evento. Antes do início da Copa, os jogadores e a comissão técnica foram recebidos pelo presidente Jorge Rafael Videla na Casa Rosada, oportunidade em que o atacante Daniel Bertoni declarou: “Para nosotros es muy importante que el señor Videla, la Junta Militar, digamos, este con nosotros y nos apoyen en todo sentido y haya dado toda la fuerza y todo el aliento que dieron ellos” (*Mundial 78. La Historia Paralela*, 2008).

Posteriormente, em entrevista concedida nas comemorações dos trinta anos da conquista, o atacante afirmou que: “¡Yo en ese momento pensaba en jugar al fútbol! Ni sabía... ni me enteraba quién era presidente... Después supe lo que supimos todos: cerca de

⁷ Localidade onde a seleção argentina teve sua concentração durante a Copa de 1978, na província de Buenos Aires.

dónde nosotros estábamos festejando y saliendo campeón del mundo había gente sufriendo, y a gente que desaparecía” (*Mundial 78. La Historia Paralela*, 2008). Percebe-se a mudança no discurso do jogador, marcado por esta memória construída, que condena e acusa os jogadores de cúmplices. O desconhecimento da situação, de quem era o presidente, significa, neste sentido, a não participação ou apoio ao regime, mas para Bertoni justificaria e legitimaria sua participação naquela seleção.

Por sua vez, o goleiro Ubaldo Fillol disse ter sido ameaçado, junto com sua família, por ordem do presidente do Ente Autárquico Mundial 78, o Almirante Carlos Alberto Lacoste, por não renovar imediatamente seu contrato com o clube River Plate (VEIGA, 2006). Tais afirmações mostram contradições nos discursos: sofreram ameaças, mas ao mesmo tempo não sabiam de nada do que acontecia, se diziam pouco politizados. O discurso ambíguo reflete a própria situação vivida, assim como a própria sociedade, que não quer olhar porque ali se vê.

Ao longo dos anos, os jogadores foram construindo uma memória que reivindica a vitória do grupo, o esforço e as dificuldades superadas para conseguir o título inédito. Como afirmou o goleiro Ubaldo Fillol em entrevista nas comemorações dos trinta anos da Copa: “A medida que pasa el tiempo sentimos más orgullo de lo que hicimos. Porque hicimos Argentina campeona del mundo por primera vez en la historia y defendimos la bandera” (*Mundial 78. La Historia Paralela*, 2008).

IV) Considerações finais

As memórias dos jogadores e dos técnicos das duas seleções mostram os conflitos que os mesmos vivem hoje ao lidar com esse passado, tema de disputas na sociedade. Percebe-se, entretanto, que em ambos os casos tais atores possuem a preocupação de procurar compreender e justificar como o jogar pela seleção não significava, necessariamente apoiar a ditadura. Eram, de alguma forma, como indivíduos de um pensar duplo, que: “aparece como uma maneira de contornar uma realidade que se tornou insuportável, como uma resposta de circunstância a uma situação de exceção, como elemento de um amplo processo de adaptação” (LABORIE, 2010, p. 40).

Ao pensar estas memórias, é imprescindível pensar a situação atual Brasil e Argentina. Hoje já é possível falar de uma condenação moral de grande parte da sociedade ao regime civil-militar brasileiro, ou pelo menos ao período de maior repressão marcado pelos anos do

Ato Institucional número 5. Portanto, é compreensível que algumas das muitas memórias procurem condenar uma possível associação entre futebol e ditadura. Ao mesmo tempo, existe a preocupação em resguardar a vitória e a seleção de 1970, que marcam o imaginário do brasileiro, sem manchá-la com a violência da repressão.

No caso argentino, as três principais leituras atuais citadas –condenação da vitória, torcer como forma de resistência e desassociação entre futebol e política- disputam entre si o espaço da memória sobre a Copa do Mundo e a ditadura, mas também se complementam. E refletem as próprias mudanças da sociedade argentina em relação ao regime ao longo dos anos, principalmente as reflexões e questionamentos sobre o papel que a própria sociedade teve no autoritarismo. Mesmo assim, a conquista de 1986 da segunda Copa do Mundo pelo país, desta vez no México, tornou-se no imaginário popular a grande conquista a ser celebrada.

Entre tantas disputas, o papel que ocupam os protagonistas do futebol é geralmente motivo de crítica. Os campeões passam a responder não apenas por sua atuação no campo, mas em muitos casos são acusados de apoiar e participar das ditaduras. As ambivalências são, então, a principal característica. Analisá-las permite compreender aspectos fundamentais da sociedade naqueles anos, assim como ampliar questões sobre os atores sociais e seu cotidiano nos anos de ditadura civil-militar.

V) Bibliografia

Fontes Escritas:

Entrevista Jorge Mario Lobo Zagalo, Novembro de 2009, Blog *Tudo sobre futebol* (<http://blogdoruiododaniel.blogspot.com/2009/11/zagallo.html>), consultado em 15/03/2010.

Entrevista NUNES, Gérson. *Gérson Nunes (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.

Entrevista SANTOS, Dario José dos. *Dario José dos Santos (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.

Entrevista VENERANDO, Félix Mieli. *Félix Venerando (depoimento, 2011)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2011.

Jornal *Clarín*

Jornal *Folha de São Paulo*

Jornal *La Nación*

Revista *Cruzeiro*

Revista *El Gráfico*

Revista *El porteño*

Revista *Gente*

Revista *Placar*

Revista *Veja*

Fontes Orais:

João Alves Jobim Saldanha, Entrevista a Cidinha Campos, TV Record, 1982.

João Havelange. Entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 28/01/2010.

Fontes Visuais:

Documentário *João*, Diretores André Iki Siqueira e Beto Macedo, TV Zero e Canal 100, 2008.

Programa *Roda Viva*, 1987, TV Cultura.

Mundial 78. La Historia Paralela [DVD], Argentina, 2008.

Livros:

- AGOSTINO, G. *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- LABORIE, Pierre. “1940-1944. Os franceses do pensar-duplo”. In *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Europa*. ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 31-44.
- MAGALHÃES, L. G. *Trece jugadores en campo*. Medios de comunicación, dictaduras militares y Mundiales de Fútbol en Brasil y Argentina. Dissertação (Mestrado)– UNSAM, Buenos Aires, 2008.
- MILLIET, R. (org.) *Vida que segue – João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
- SARMENTO, C. E. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006
- SIQUEIRA, Andre Iki. *João Saldanha, uma vida em jogo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2007.
- VEIGA, Gustavo. *Deporte, Desaparecidos y Dictadura*. Buenos Aires: Al Arco, 2006.
- ZAGALO, Mario Jorge Lobo. *As lições da Copa*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.